



O Nordeste na revista *Realidade* - Uma aproximação ao tema¹

Leylianne Alves VIEIRA²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade Federal do Ceará, *Campus* Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de análise sobre os textos da revista *Realidade*, entre os anos de 1966 e 1968, que têm como temática principal o nordeste e seu povo. Para tanto, faz-se necessário recriar todo o contexto histórico, social e cultural da época da publicação da mesma. Também se faz importante apresentar grande parte dos trabalhos sobre a revista *Realidade* publicados, até hoje, no Brasil, detendo-se sobre as temáticas analisadas. Desta forma, foram encontrados 22 textos, entre reportagens, artigos e perfis, destacando-se dois vencedores do Prêmio Esso de Reportagem: “Os meninos do Recife” (1967) e “Eles estão com fome” (1968).

PALAVRAS-CHAVE: nordeste; revista; *Realidade*; jornalismo; história.

1. APRESENTAÇÃO: PANORAMA DA MÍDIA IMPRESSA NO BRASIL

Atrelada à ideia de vitalidade da vida social e política do país, a imprensa no Brasil teve seu desenvolvimento de forma bastante dependente das mais variadas transformações vividas pela sociedade. Considerando que o modelo inicial da nossa economia era extrativista, pouco desenvolvimento houve em vários segmentos da sociedade. Antes da vinda da corte para a Colônia, o país ainda não contava com tipografias, impossibilitando, entre outras coisas, a impressão de periódicos. De acordo com Isabel Lustosa, o primeiro jornalista brasileiro foi Hipólito da Costa quando, em 1808, publicou, em Londres, o primeiro jornal brasileiro: o *Correio Braziliense* (2003, p. 11-14). Ainda segundo a mesma autora, o primeiro jornal impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, também em 1808 (2003, p. 20).

Por sua vez, em 1812, pelas mãos de Manoel Antônio da Silva Serva, aparecia o primeiro número de *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, a primeira “revista” brasileira, “[...] seguindo os modelos de revistas utilizados no mundo editorial da época,

¹ Trabalho apresentado no DT1 (Jornalismo) do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Aluna do 3º semestre do Curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFC - *Campus* Cariri, E-mail: leylianneaves@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo na UFC – *Campus* Cariri. E-mail: marceloeite@cariri.ufc.br



a revista baiana também tinha ‘cara e jeito de livro’[...]” (BAPTISTA; ABREU, 2010, p. 2). Já em 1827, surge a primeira revista feminina do Brasil, *O Espelho Diamantino*, contendo temas como “[...] literatura, artes, teatro, política, moda, crônicas e anedotas, todos escritos de forma simples e didática para servir ao gosto das senhoras brasileiras” (BAPTISTA; ABREU, 2010, p. 3) A partir daí surgiriam várias revistas, com públicos diferentes e, também, ligadas a grupos diferentes da sociedade.

De acordo com Thomaz Souto Corrêa, a primeira revista ilustrada foi uma novidade fascinante no visual das revistas, em 1842. Tal publicação ainda existe hoje, é a *Illustrated London News*. Já no Brasil, em meio a tantas edições e publicações distintas, várias revistas se destacaram pela presença de características particulares. Na *Revista Ilustrada*, Angelo Agostini, já em 1876, destilava todo o seu humor picante. Já no século XX, temos um fato instigante: Assis Chateaubriand lança a primeira revista ilustrada do Brasil: *O Cruzeiro*⁴ (1928), que recebeu três prêmios Esso⁵. Em contrapartida, a *Manchete* nasce, em 1952, com suas famosas coberturas fotográficas⁶, como, por exemplo, a da inauguração de Brasília⁷.

A imprensa brasileira esteve intimamente relacionada a eventos como, por exemplo, o Fico, a campanha pela Constituinte brasileira, a Independência do Brasil e a dissolução da nossa primeira Assembléia. Assim, Isabel Lustosa defende que “aquele curto período de nossa história, quando foram tomadas decisões cujas conseqüências se espraiam por toda a nossa vida de nação independente, foi o contexto em que política e imprensa se confundiram de forma mais radical” (2003, p. 58-59).

Com relação à consolidação de um mercado editorial propriamente dito, o contexto começa a mudar a reboque do crescimento do grupo Abril. De acordo com Corrêa, ao analisarmos a “[...] história da imprensa brasileira, constata-se que o panorama das

⁴ Baseado no texto “Segunda Parte de uma Breve História sobre as Revistas”, de Thomaz Souto Correa. Disponível em http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_89358.shtml.

⁵ Mais importante e tradicional programa de reconhecimento de mérito dos profissionais de imprensa do Brasil. Disponível em <http://www.premioesso.com.br/site/historia/index.aspx>

⁶ A *Life*, lançada em 1936, foi a primeira revista ilustrada do mundo a usar as reportagens fotográficas como fórmula básica.

⁷ Sobre este assunto consultamos “A História da Revista no Brasil”, da Editora Abril.



revistas de consumo era relativamente pobre quando, em 1950, Victor Civita lançou o *Pato Donald*. Nascia ali a empresa editorial que dominaria o mercado em poucos anos” (2008, p. 207). Em seguida, em 1961, nasce uma das mais impactantes revistas femininas do Brasil, *Claudia*, com reportagens tratando de temas exclusivos para a comunidade feminina, como sexo, aborto, casamento, machismo, entre tantos outros. Além disso, a publicação também inovou ao trazer produtos e modelos brasileiros em suas páginas. Em meados da década de 1960, mais precisamente em 1966, é lançada a revista *Realidade*, uma aposta do grupo Abril em uma revista mensal que seria composta por grandes reportagens, com aprofundamentos nos temas.

Assim, é num ambiente no qual encontramos essa generalização dos costumes mundiais, bem como, o estabelecimento do mercado editorial, que observamos a chegada de alguns dos mais importantes veículos da nossa imprensa. Nesse sentido, lançar um olhar mais pontual sobre o universo específico dos anos 60 se faz pertinente. É nele que se consolidam novas formas de diálogo entre veículo e leitor, dando espaço a conflitos e demandas de uma sociedade que se modifica rapidamente.

2. AS DÉCADAS DE 60 E 70: TEMPO DE MUDANÇAS SOCIAIS

A consolidação de um modelo de sociedade urbana em nosso país, com a sedimentação de valores semeados nos anos 50, tais como o *American Way of Life* e a efetivação da televisão, dão vista de que a informação passa a percorrer o globo em uma velocidade cada vez maior. Os intelectuais desta época aderiam a uma mesma leitura da nossa realidade: um país subdesenvolvido, industrialmente atrasado e culturalmente colonizado, onde a busca pelo “nacional” e “democrático” era urgente (SIMONARD, 2006, p. 24).

No entanto, faz-se importante destacar o que houve em um período em particular da nossa história. As décadas de 1960 e 1970 foram ladeados por incontáveis acontecimentos de interesse geral e que, certamente, contribuíram para a criação do Brasil que conhecemos hoje.



A maior parte dos fatos que remetem à construção do país tem ligação direta ou indireta com a ditadura militar que aqui se instaurou, em 1964. No entanto, o mundo também passou por mudanças significativas.

Explicitaremos, mais especificamente, alguns dos fatos que ocorreram entre os anos de 1966 e 1976. A princípio, entre 1965 e 1967, foram quatro os Atos Institucionais “impostos” pelos generais. De acordo com Boris Fausto, “o AI-1 estabeleceu a eleição de um novo presidente da República, por votação indireta do Congresso Nacional” (2008, p. 468). Ainda de acordo com o mesmo autor, “o AI-2 reforçou ainda mais os poderes do presidente da República ao estabelecer que ele poderia baixar atos complementares ao ato, bem como decretos-leis em matéria de segurança nacional” (2008, p. 474).

Essa década foi povoada pelos mais variados tipos de acontecimentos. Deste a chegada do homem a lua até o primeiro bem sucedido transplante de rim no Brasil, passando pelos maiores protestos de estudantes da história do país. O mundo mudou. O modo de pensar dos brasileiros também se foi adaptando aos novos tempos. A cada dia era mais importante a presença de veículos que mudassem junto com a população, que apresentassem um novo país, que trouxesse à tona todas as novas discussões locais e mundiais.

Estava em vigor um processo de afirmação nacional. A produção cultural era peça-chave neste contexto. Bom exemplo foi a onda precursora do Cinema Novo quando, na década de 1960, um grupo de jovens começou a discutir a ideia de edificar um cinema nacional onde se criasse uma identidade político-cultural para o povo brasileiro (SIMONARD, 2006, p. 27).

Em se tratando de música, as canções denunciavam as mudanças estéticas e políticas dessa nação em crescimento, em especial o que era acarretado pelo regime ditatorial. Havia dois tipos de músicas de protesto: aquelas que usavam a sonoridade brasileira para denunciar a iniquidade social e as que misturavam o pop inglês e americano com a música brasileira, a fim de expor sua rebeldia (PILAGALLO, 2004, p. 58 - 59). Deste segundo tipo de nova música brasileira, nasce outro movimento de importância equivalente ao Cinema Novo: a Tropicália. Este, não rompeu com a cultura política



forjada naqueles anos (50 e 60), era muito mais uma visão crítica do romantismo nacionalista e do realismo nacional-popular, visando à constituição de uma identidade do povo brasileiro (RIDENDI, 2000, p. 269).

No início da ditadura militar, a imprensa esboçou pouca resistência ao autoritarismo do novo regime. De fato, a maior parte dos meios se punha a favor do movimento. No entanto, quando começou a dar vistas de que haveria repressão, por meio da censura, logo os veículos de comunicação passaram a ter um caráter mais de denúncia que de apreço. Um bom exemplo disso é visto na seguinte passagem, de Ana Maria de Abreu Laurenza, tendo como referência os Diários Associados:

A maior parte dos grandes jornais do país apoiou, ao menos no início, o golpe militar de 1964, e os coronéis que entravam nas redações para manter a ordem do dia editorial não iriam se abalar com as velhas táticas de Chateaubriand: ameaçar a pauta de publicação de verdades, meias-verdades ou mentiras, caso não pagassem ou permutassem com o caixa dos Associados. (2008, p. 182)

Com a edição do Ato Institucional nº 5 (1968), tido como o mais conturbador da ordem brasileira, deu-se início a uma época de censura prévia aos meios, em nome da “defesa do regime”. “A partir de então, os temas políticos passaram a ser cuidadosamente censurados, enquanto a imprensa, com uma série de estratégias e artifícios, tentava denunciar a ação da censura” (ABREU, 2002, p. 15).

“Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos do governo” (FAUSTO, 2008, p. 480). De acordo com Laurenza, Samuel Wainer⁸ teria dito, ao retornar ao Brasil em 1968, que o pensamento único dos militares havia estragado a imprensa por meio de censura, prisões, tortura e morte de jornalistas (2008, p. 203).

O que se pode observar foi certa dependência dos veículos de comunicação em relação aos órgãos estatais, principalmente no que se referia à publicidade. Foi neste contexto

⁸ Nas palavras de Augusto Nunes, Samuel Wainer foi “[...] um dos maiores jornalistas do século XX. Graças a uma espécie de mediunidade que contempla repórteres uterinos, estava sempre no lugar certo na hora exata. Nenhum companheiro de profissão conseguiu tamanha intimidade com três presidentes da República (Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart). Nenhum teve tantos poderes, nenhum soube exercê-los com tanta eficácia. Com a *Última Hora*, criou a imprensa efetivamente popular no Brasil” (WAINER, 2005, p. 6-7).



que se deu o deslocamento do principal centro de produção de jornais e revistas. De acordo com Alzira Alves de Abreu,

Editadas no Rio de Janeiro, essas publicações tiveram seu apogeu nos anos 60, mas a partir daí iriam sofrer uma forte erosão e acabariam por desaparecer. Enquanto isso, o centro popular de revistas semanais de sucesso deslocou-se para São Paulo. A explicação para a perda de hegemonia do Rio de Janeiro se prende em grande parte à incapacidade de renovação de suas revistas após o advento da televisão. Elas usaram excessivamente a fotografia e a cor, mas a densidade informativa permaneceu baixa. (2002, p. 18).

Em meio a tantos anos de regime autoritarista, a censura prévia foi substituída pela autocensura. Além disso, o milagre econômico também possibilitou a modernização da imprensa. No entanto, a repressão aos meios de comunicação ainda era ferrenha: em 1975, por exemplo, é morto o jornalista Wladimir Herzog.

É neste Brasil que surge uma das mais importantes revistas da Editora Abril, *Realidade*, de caráter informacional, que se dispuseram a contemplar o maior número de fatos, tal qual o jornalismo diário ou semanal, mas que prezavam pela pesquisa e pelo aprofundamento das questões. No entanto, de acordo com Corrêa, “o jornalismo de serviço em revistas foi visto no início como um jornalismo de segunda categoria, esquecendo [...] que se tratava de uma maneira eficiente de servir e de fidelizar o leitor, dando-lhe informações úteis para sua vida pessoal” (2008, p. 211). Assim, é nesse universo que teceremos algumas considerações sobre a publicação, apontaremos alguns estudos sobre a mesma e indicaremos uma possibilidade de análise, tomando o Nordeste brasileiro como ponto de partida.

3. A REVISTA REALIDADE, UMA PLURALIDADE DE FATOS

O ano de 1966 guarda em sua memória o lançamento da revista que conquistou o público leitor a partir de sua variedade de temas e estilos, fortemente influenciada pelo *New Journalism* americano⁹. Pensada para ser uma revista semanal, *Realidade* acabou sendo lançada de forma independente e mensal, posto que o acordo que seria firmado

⁹ “Por ser mensal, o tempo de apuração, fundamentação e documentação livrava os profissionais da revista do círculo vicioso e imediatista dos jornais. O repórter mergulhava no assunto que tinha de cobrir, por vezes até confundindo-se com o novo universo de abordagem. A captação da essência do assunto/tema não era apenas ‘intelectual’ (razão), mas também emocional. [...] o texto de *Realidade* era solto, fora das formulas tradicionais do jornalismo diário.” (VILAS BOAS, 1996, p. 93)



entre dois jornais, que a teriam como encarte, não saiu do papel (CORRÊA, 2008, p. 214 – 215). “A cobertura era ampla e ambiciosa. A revista traçava uma espécie de mapa da realidade contemporânea, sem resistência a esta ou aquela pauta. O mundo – e o Brasil, em especial – eram desvendados de modo multifacetado” (VILAS BOAS, 1996, p. 92)

Roberto Civita, responsável pela publicação, “[...] montou uma redação que juntava alguns dos melhores repórteres e autores de textos da época: a revista tinha de ser boa de ler, e as reportagens tinham que ter impacto e surpresa” (CORRÊA, 2008, p. 215). O sucesso da revista que misturava algo da francesa *Réalités* e da americana *Esquire*, era visível: chegou a vender 500 mil exemplares por mês, número que, até aquele momento, não havia sido atingido por nenhuma outra publicação mensal no país.

O livro lançado em comemoração aos primeiros 50 anos da editora Abril, *A Revista no Brasil*, destaca algumas das características de *Realidade*: “[...] a revista refletia a inquietação cultural e de costumes dos anos de 1960, repercutindo novos padrões de comportamento” (2000, p. 57), além disso, lembra que a publicação oferecia um padrão de reportagens até então desconhecido por aqui. “Não economizava espaço. Suas reportagens eram fluviais, exaustivas, e os textos, elaborados com esmero literário. *Realidade* fez capas notáveis” (2000, p. 57). A publicação ainda indica que, em 1968, após a decretação do Ato Institucional nº 5, teria havido uma asfixia das vigorosas reportagens de *Realidade*.

Segundo o editorial da edição nº 6, “REALIDADE parte do princípio de que seus leitores são adultos, inteligentes e interessados em saber a verdade. E continuará fiel ao seu compromisso de informar. Com imparcialidade, com serenidade. E com a coragem de enfrentar os fatos (1966, p. 3). Assim, em seus dez anos de vida, de 1966 a 1976, a revista, mesmo convivendo com a ditadura e a censura, mantinha seus repórteres engajados e compromissados com a informação:

Realidade retratou um Brasil que se transformava, tratando de assuntos que, em pleno regime militar, sob censura, não apareciam em outras revistas: a maconha, o clero de esquerda, o casamento de padres, o racismo, a fome. Mostrou um país que também não saía com profundidade na imprensa da época: as mazelas do Nordeste, uma Amazônia desconhecida, os problemas das grandes cidades. (CORRÊA, 2008, p. 216).



Entre os motivos alegados como sendo os responsáveis pelo fim da publicação, está a consolidação da televisão como parte significativa na vida dos brasileiros, bem como o surgimento das revistas semanais de informação, cobrindo a vasta exclusividade de pautas da época (CORRÊA, 2008, p. 216). Além disso, em 1976, a revista *Realidade* encontrava dificuldades para alimentar o seu projeto editorial, onde os jornalistas podiam produzir o “jornalismo de texto”, utilizando-se da criatividade, além de, é claro, as dificuldades ligadas às restrições impostas pelo fechamento político (BATISTA; ABREU, 2010, p. 16).

No entanto, a observação mais pertinente quanto a esta publicação reside no fato de que a mesma, hoje, apresentar-se como um documento de valor inestimável para sociólogos, antropólogos, historiadores e comunicólogos, tendo em vista que traz um retrato minuciosamente apurado de toda uma década de vida pulsante. Imagens e textos se completam para demonstrar o valor do povo brasileiro, de sua cultura e de suas lutas.

4. A REVISTA REALIDADE E SUAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

4.1 A revista Realidade como objeto: perspectivas e aproximações

Por se tratar de uma publicação com enorme contribuição para o entendimento do contexto social, política e cultural das décadas de 1960 e 1970, no Brasil e no mundo, vários estudiosos já se debruçaram, detidamente, sobre aspectos da revista, avaliando-a do ponto de vista da história, da lingüística e da comunicação. A primeira delas foi Terezinha Tagé Dias Fernandes, em sua tese de doutorado (1988), intitulada “Jorge Andrade, repórter Asmodeu: leitura do discurso jornalístico de autor na revista ‘Realidade’”, onde a comunicóloga aponta alguns elementos estruturais oriundos de outros sistemas de representação verbal que podem ser encontrados nos textos de autor na referida revista. Logo em seguida, em 1990, Edvaldo Pereira Lima conclui seu doutorado em Comunicação com a tese “O Livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade”, onde ele demonstra as semelhanças entre as obras de ficção e grandes reportagens, tanto na revista *Realidade* quanto no *Jornal da Trade*.



Já em 1996, José Salvador Faro defende sua tese de doutorado: “Realidade, 1966 – 1968, tempo da reportagem na imprensa brasileira”. Neste trabalho, Faro dividiu as reportagens dos três primeiros anos da revista por temas, enxergando a mesma como referência para a história da reportagem na imprensa brasileira. Saindo um pouco do âmbito da Comunicação, Adalberto Leister Filho apresenta, em 1997, na área de história, o artigo de iniciação acadêmica “A realidade em revista: a revista Realidade, a memória dos jornalistas de uma publicação revolucionária (1965 – 1968)”, onde o estudioso utilizou-se de entrevistas com alguns dos jornalistas que fizeram parte do quadro da revista em seus primeiros anos.

Valdir Heitor Barzotto foi o responsável pelo primeiro doutorado em lingüística sobre a revista Realidade. Seu trabalho, “Leituras de Revistas Periódicas: forma, texto e discurso, um estudo sobre a revista Realidade (1966 – 1976)”, estudou os dez anos da revista, traçando um paralelo entre o texto, o veículo e o discurso que compunham a publicação. Voltando ao âmbito da história, no ano 2000, Rosana Ulhôa Botelho defendeu a tese de doutorado intitulada “Sob o Signo do Perigo: o Estatuto do Jovem no Século da Criança e do Adolescente”, onde utilizou duas edições da revista para traçar o papel do jovem como criador de discurso nos anos 1960.

Já a dissertação de mestrado, defendida em 2001, “Para não dizer que não falei dos festivais. Música e política na década de 60”, de Valéria Aparecida Alves, também estudou a juventude brasileira. No entanto, usou doze depoimentos de jovens na seção de cartas da revista Realidade como fonte de pesquisa para entender a relação dos mesmos com os festivais de Música Popular Brasileira.

Em 2001, Letícia Nunes de Moraes apresenta sua dissertação de mestrado “A Dança Efêmera dos Leitores Missivistas na Revista Realidade (1966 – 1968)”, onde avalia todas as mais de 700 cartas de leitor das 33 edições estudadas. Através destes, a mesma avalia a recepção dos meios de comunicação a partir da revista, delineando a relação entre imprensa e sociedade, estabelecida através da ligação revista-público leitor. Dois anos após a publicação da dissertação como livro, em 2009, Edina Rautenberg publica na Revista Eletrônica Cadernos de História o artigo “Revista Realidade: leituras que não problematizam a recepção”, onde faz uma análise dos resultados apresentados no livro de Letícia Nunes, indicando que a leitura poderia ter se dado de forma mais



aprofundada caso tivesse avaliado, também, o papel da revista enquanto aparelho privado de hegemonia.

No ano de 2006, Márcia Eliane Rosa defende sua tese de doutorado, “Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura nas reportagens da revista *Realidade* nos anos de 1966 a 1968”, que tem como base o estudo dos sentidos da cultura na revista entre estes dois anos. Por fim, no ano de 2010, José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro, lançam o livro “*Realidade re-vista*”, onde elencam 24 reportagens como sendo as “melhores matérias da revista” e lançam sobre elas histórias e comentários sobre a elaboração dos textos, trazendo detalhes que nunca haviam sido ditos pelos repórteres.

Assim, aqui foram listadas algumas das principais referências à revista *Realidade*, de modo que se pretendeu tecer uma breve retrospectiva do que já se constatou acerca desta publicação que marcou uma década de Brasil.

4.2. O Nordeste na revista Realidade: uma proposta de análise

Entre os anos de 1966 e 1968, a revista *Realidade* vivenciou seu período de maior relevância, no tocante ao conteúdo. Estes anos correspondem à primeira equipe de redação da mesma, bem como à fase menos repressora da censura ditatorial, anterior ao Ato Institucional Nº 5. Sendo assim, detivemo-nos, nesta primeira fase da pesquisa, a buscar as reportagens que se referissem, diretamente, ao Nordeste brasileiro da década de 1960, nestes três primeiros anos.

A princípio, tivemos acesso a uma coleção particular, contendo todos os números referentes ao período indicado. Ao todo, são 33 edições, totalizando 397 textos compostos com exclusividade para a publicação da editora Abril. Destes, cinco foram premiados com o prêmio Esso. Três foram os contemplados na categoria Prêmio Esso de Reportagem: “Brasileiros, go home”, texto de Luiz Fernando Mercadante (1966); “Os meninos do Recife”, texto de Roberto Freire (1967); e “Eles estão com fome”, texto de Eurico Andrade (1968). Além destes, dois foram os premiados na categoria Prêmio Esso de Informação Científica, ambos de José Hamilton Ribeiro: “Uma vida por um rim” (1967); e “De que morre o Brasil” (1968).



Após a separação das edições por ano, analisamos cada número, elencando todos aqueles textos que tratavam de assuntos referentes ao Nordeste. Ao final de três meses de busca, construímos a seguinte tabela:

Ano	Mês	Nº	Título	Texto	Foto
1966	Abril	1	Este petróleo é meu	Carlos Azevedo	Não identificado
	Abril	1	Haja Pinga	José Carlos Morão	Não identificado
	Maiο	2	Uma vela contra o mar	Narciso Kalili	Luigi Mamprin
	Julho	4	O Padre Helder	Alessandro Porro	Nélson Di Rago
	Agosto	5	O homem amado	Alessandro Porro	Nélson Di Rago
	Outubro	7	É hora de aprender	Não identificado	Não identificado
	Novembro	8	Coronel não morre	José Hamilton Ribeiro	Geraldo Mori
1967	Fevereiro	11	É luta, é dança, é capoeira	Roberto Freire	David Drew Zingg
	Março	12	Êste boi é meu	Roberto Freire	David Drew Zingg
	Abril	13	O Piauí existe	Carlos Azevedo	Luigi Mamprin
	Agosto	17	Os meninos do Recife	Roberto Freire	Geraldo Mori
	Agosto	17	Zero!	Eurico Andrade	Luigi Mamprin
	Setembro	18	Eu senti a dura vida do campo	Narciso Kalili	Não identificado
1968	Fevereiro	23	O norte de João	Roberto Freire	David Drew Zingg
	Março	24	Profissão: Matador	Roberto Freire	Cláudia Andujar
	Abril	25	Eu sou um homem marcado	Eurico Andrade	Jorge Butsuem
	Julho	28	Êles querem derrubar o governo	José Carlos Morão	Não identificado
	Agosto	29	Êles estão com fome	Eurico Andrade	Jorge Butsuem
	Outubro	31	Eu não queria matar Corisco	Christina Matta Machado	Christina Matta Machado
	Novembro	32	O sertão quer um messias	Dirceu Soares	George Bodanzky
	Dezembro	33	O tropicalismo é nosso, viu?	Não identificado	Não identificado
	Dezembro	33	Acontece que ele é baiano	Décio Bar	David Drew Zingg

Os textos acima apresentados na tabela retratam por um lado a proposta de reconhecimento de uma região não muito conhecida no país até então, mais que isso, os trabalhos foram feitos nos moldes de um jornalismo cujo tempo de elaboração proporciona maior profundidade nas temáticas observadas. Algumas delas tratam de música, outras de costume, algumas de fome ou seca. Evidentemente, foi a partir de textos como esses que o Sul e o Sudeste passaram a ver esta parte do Brasil, em processo de descobrimento pelos próprios brasileiros.

Neste primeiro momento estamos analisando três reportagens, são elas: “O sertão quer um messias”, de Dirceu Soares, com fotografias de George Bodanzky, “Eles estão com



fome”, de Eurico Andrade e fotografias de Jorge Butsuem e “Este boi é meu”, de Roberto Freira e fotografias de David Drew Zingg. Nosso trabalho está agora em fase inicial da análise textual. Nesse sentido, nossa proposta aqui apresentada é a de mostrar as etapas realizadas, as possibilidades que nos parecem pertinentes, além de possíveis maneiras de melhor organizar o material. Desta forma pretendemos ter na oportunidade da exposição na Intercom Junior um espaço para engrandecimento da pesquisa, possibilitando novas perspectivas para a mesma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos mais de 150 anos que separam a publicação de *As Variedades* e a revista *Realidade*, a imprensa brasileira passou por inúmeras modificações. Com o incremento da fotografia como parte do material jornalístico, o texto passou a ser avaliado com outros olhos pelos leitores. As revistas de informações gerais e de serviços ganharam públicos específicos, sedimentando os leitores e especializando veículos e jornalistas.

As décadas de 1960 e 1970 foram de intensa aplicação dos novos ideais brasileiros. Era chegada a hora de mostrar o Brasil ao seu povo. Todas as formas de cultura (arte, música, cinema, etc.) se prontificaram a indicar e criticar os diversos “brasis”. A ditadura militar impunha a necessidade de utilizar-se de metáforas e outros meios para levar a informação. A revista *Realidade* emerge neste ambiente como uma forma de trazer o Brasil por meio de textos e fotografias, muitas vezes chocantes.

É neste sentido que muitos historiadores e comunicólogos estiveram detidos sobre esta publicação. *Realidade* transcreve para as páginas de revista o modo de viver e de ver o país, por cerca de uma década. As formas de construção dos textos e das fotografias fazem nascer, frente à atualidade, uma sequência de costumes que remetem a um outro Brasil.

Neste ponto da pesquisa, deparamo-nos com o início das análises pontuais. Após separar textos sobre o Nordeste, partimos para uma nova triagem, em função do estilo jornalístico de cada texto. Trabalho que desenvolvemos neste momento. Também iremos buscar indícios sobre o estado em que cada texto foi feito e alocaremos os textos em categorias fundamentadas nas problemáticas trazidas por cada um. Os três textos



que analisamos atualmente são o ponto de partida desta nossa busca pela compreensão deste produto jornalístico específico, permitindo uma aproximação nossa para com a metodologia de pesquisa e por meio dela, o detalhamento do texto, suas mensagens e significados.

Num primeiro momento, podemos notar que a presença do Nordeste na revista *Realidade*, ao menos nos três primeiros anos de existência da publicação, é recorrente. Alguns dos problemas sociais dessa região eram analisados de uma forma menos aprofundada até então, no entanto, a *Realidade*, mantendo seu compromisso de desvendar o Brasil e de levar temas polêmicos para os brasileiros, falava de fome, de seca, de movimentos estudantis, de religião, enfim, de temas escusos àquela sociedade. Mas, mais do que tocar em tais assuntos, a relevância se dá pela forma com que eram feitos os trabalhos. Nossas primeiras leituras apontam para a busca de um jornalismo comprometido com um bom aprofundamento no contexto social, dando a ela um tempo diferenciado e com o qual raramente se conta. Inclusive, com relação às fotografias, notamos uma liberdade que permitiu que nomes como Claudia Andujar, Luigi Mamprin e David Drew Zingg, desenvolvessem seus trabalhos de forma raramente vista. Da mesma forma textos de nomes de grande expressão nacional, como Roberto Freire, João Antonio, José Hamilton Ribeiro, Eurico Andrade, entre outros, marcam de forma inquestionável o nível e a qualidade apresentados.

Nesse sentido, longe de mostrar uma pesquisa que já aponte seus resultados, neste momento, apresentamos aqui nossos levantamentos, leituras, pesquisa em arquivo e o princípio das análises pontuais. Com o aprofundamento da pesquisa nos próximos meses, acreditamos que ficará claro até onde esta representação deste Nordeste construído historicamente esta presente, e como a forma de relatar, este mesmo Nordeste é peculiar no veículo em questão.

REFERÊNCIAS

A Revista no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000.

ABREU, Alzira Alves de. **A Modernização da Imprensa (1970 – 2000).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.



ALVES, Valéria Aparecida. Para não dizer que não falei dos festivais. Música e política na década de 60. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. **A História das Revistas no Brasil**: um olhar sobre o segmento mercado editorial. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 16 abr. 2011).

BARZOTTO, Valdir Heitor. Leituras de Revistas Periódicas: forma, texto e discurso, um estudo sobre a revista Realidade (1966 – 1976). Campinas, 1998. Tese (Doutorado em lingüística), Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade de Campinas.

BOTELHO, Rosana Ulhôa. Sob o Signo do Perigo: o Estatuto do Jovem no Século da Criança e do Adolescente. Brasília, 2000. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília.

CORRÊA, Thomaz Souto. **Segunda Parte de uma Breve História sobre as Revistas**. Disponível em: <http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_89358.shtml>. Acesso em: 21 abr. 2011.

_____. A era das revistas de consumo. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 207-232.

FARO, José Salvador. Revista REALIDADE – 1966-1968 – Tempo de reportagem na imprensa brasileira. Ulbra/AGE, 1999.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERNANDES, Terezinha Tagé Dias. Jorge Andrade, repórter Asmodeu: leitura do discurso jornalístico de autor na revista “Realidade”. São Paulo, 1988. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em Letras de Forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 179-205.

LEISTER FILHO, Adalberto. A realidade em revista, a revista Realidade. A memória dos jornalistas de uma publicação revolucionária. Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e concluída em 1997.

LIMA, Edvaldo Pereira. O Livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MORAES, Letícia Nunes de. **Cartas ao Editor: leituras da revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007.



_____. A Dança Efêmera dos Leitores Missivistas na Revista Realidade (1966 – 1968). São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PILAGALLO, Oscar. A história do Brasil no século 20: (1960-1980). São Paulo: Publifolha, 2004.

Prêmio Esso de Jornalismo completa 55 anos de história. Disponível em: <<http://www.premioesso.com.br/site/historia/index.aspx>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

RAUTENBERG, Edina. Revista Realidade: leituras que não problematizam a recepção. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VIII, ano 4, nº 2, dez. 2009. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 01 maio 2011.

RIDENDI, Marcelo. **Em Busca do Povo Brasileiro.** Rio de Janeiro, Record, 2000.

ROSA, Márcia Eliane. Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura nas reportagens da revista Realidade nos anos de 1966 a 1968. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

SIMONARD, Pedro. **A Geração do Cinema Novo:** para uma Antropologia do Cinema. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver:** memórias de um repórter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.